



## Se Sofremos por Amor, a Culpa é de Platão?

A nossa concepção ocidental de amor — a busca pela "outra metade", a ideia de que o outro nos completa — tem uma origem clara: a filosofia da Grécia Antiga. Durante séculos, esta visão moldou as nossas expectativas, as nossas alegrias e, inevitavelmente, os nossos sofrimentos.

Mas e se esta fundação estiver errada? E se o desejo não for uma falta, mas um excesso? Este é o início de um duelo de ideias que atravessa milénios, com Platão a estabelecer as regras e Nietzsche a chegar para quebrar a mesa.



# A Tese: Amor Como Falta e a Busca pela Unidade Perdida

## A narrativa de Aristófanes em *O Banquete*

Platão, através da personagem do comediante Aristófanes, conta uma história poderosa sobre a nossa natureza original. Antigamente, não havia dois, mas três gêneros de seres humanos: masculino-masculino, feminino-feminino e o andrógino (masculino-feminino). Eram criaturas esféricas, completas, com quatro braços, quatro pernas e dois rostos.

### A Criatura Original



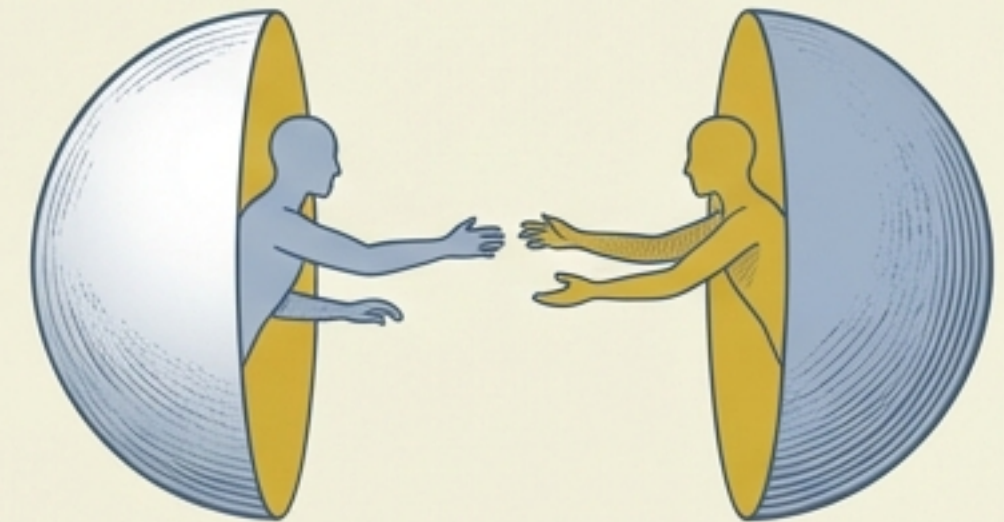
Ponto Chave 1: **A Hybris:** A sua força e completude levaram-nos a desafiar os deuses. A arrogância (*hybris*) foi o seu crime.

### A Punição Divina



Ponto Chave 2: **A Punição Divina:** Como castigo, Zeus dividiu cada ser ao meio com um raio. Desde então, a nossa natureza está fraturada. Fomos condenados a uma eterna incompletude.

### A Busca Eterna



Conclusão: "O amor de um pelo outro está implantado nos homens, restaurador da nossa antiga natureza, em sua tentativa de fazer um só de dois e de curar a natureza humana. Cada um de nós, portanto, é uma tábua complementar de um homem [...] e procura cada um o seu próprio complemento."



# A Ascensão: Do Corpo à Beleza em Si

## *A Scala Amoris* de Diotima

Para Platão, a busca pela outra metade é apenas o início. A verdadeira jornada do amor (Eros) é uma ascensão, uma “escada” que nos leva do particular ao universal, do corpo à alma, do físico ao metafísico.

Sócrates, citando a sacerdotisa Diotima, descreve os degraus desta subida:



“Partindo das belezas particulares para subir até àquela outra beleza, e servindo-se das primeiras como de degraus.”



# O Legado Platônico: Uma Cultura de Incompletude

A fusão destas duas ideias — a busca pela metade perdida e a ascensão para longe do corpo — criou a matriz do amor ocidental. As suas consequências são profundas:

- **O Desejo como Falta**

Amamos porque nos falta algo. A nossa própria natureza é definida por uma lacuna que só o outro (ou o divino) pode preencher.

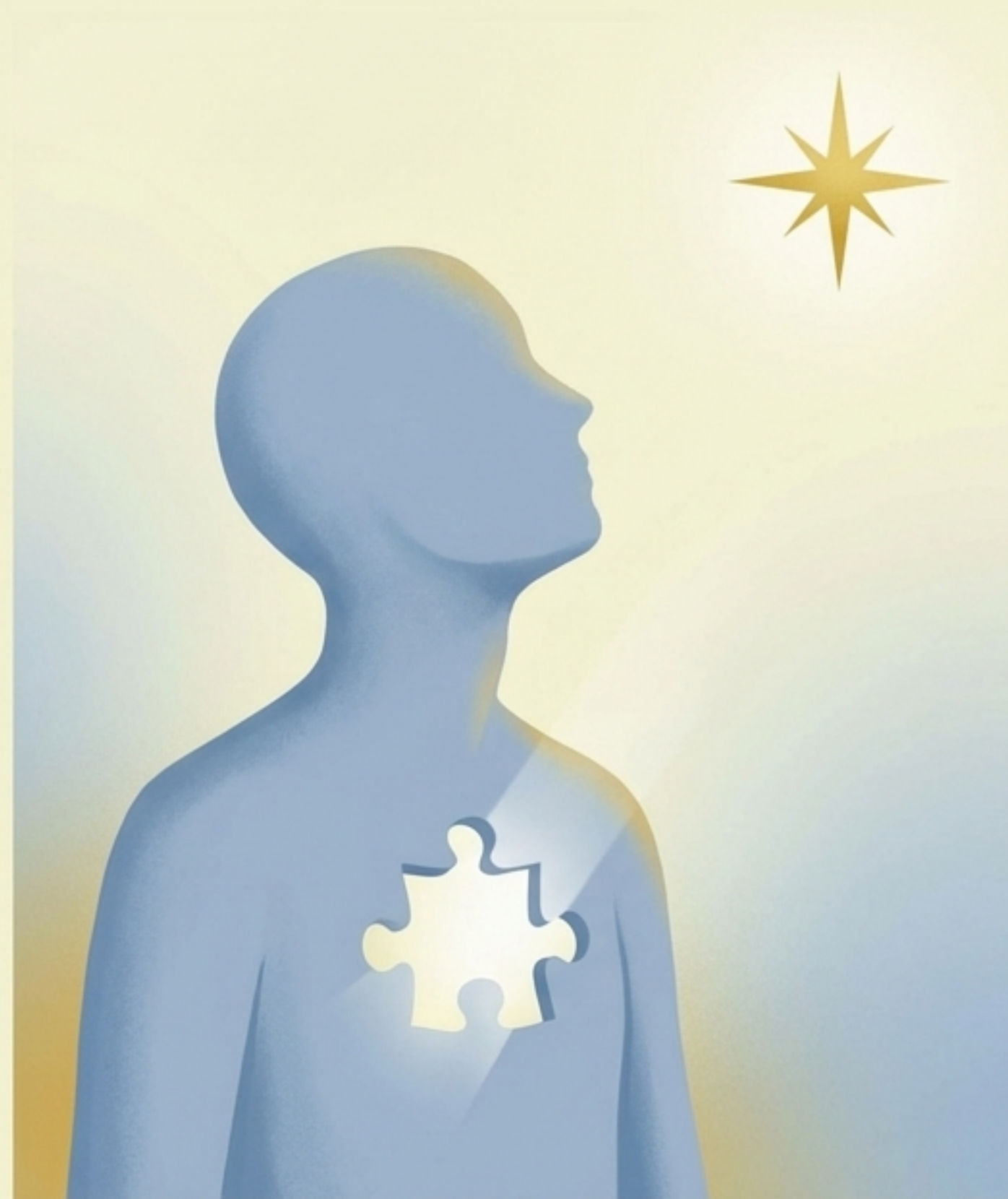
- **A Desvalorização do Corpo**

O amor físico é o degrau mais baixo, um mero ponto de partida. A verdadeira meta é **uma união** espiritual, descorporeificada. **O corpo é algo** a ser superado.

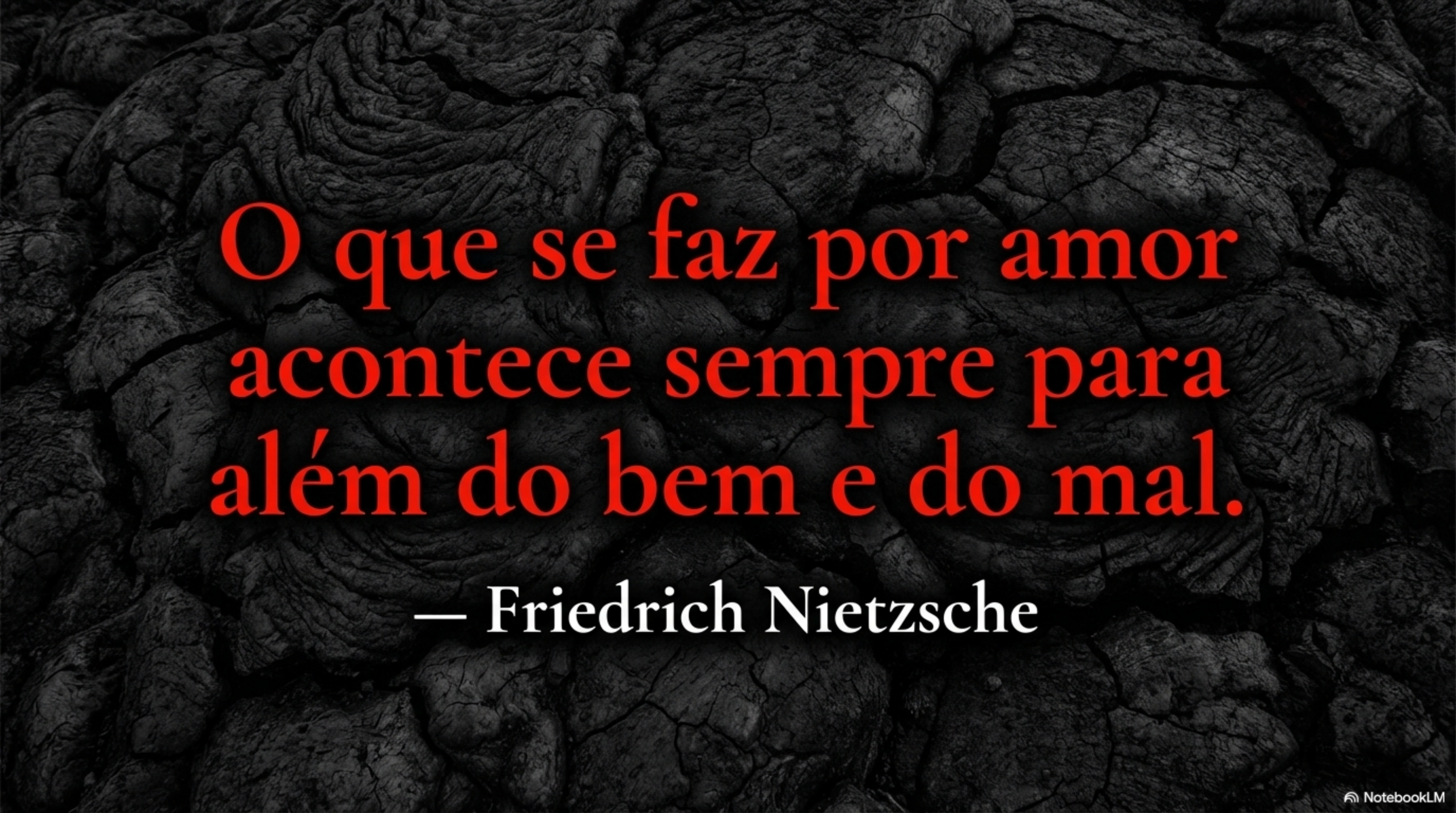
- **A Idealização do Outro**

O outro torna-se um símbolo da nossa completude, um ideal. **O amor real** é medido contra uma **perfeição** mítica, inatingível.

*“Devotos deste ensinamento, os sujeitos perdem-se no desejo de um objeto impossível de encontrar, pois é um objeto inexistente, fantasmagórico, mítico.” — Michel Onfray*







O que se faz por amor  
acontece sempre para  
além do bem e do mal.

— Friedrich Nietzsche



# A Antítese: Amor Como Excesso e Vontade de Potência

Nietzsche demole a fundação platônica com uma ideia radicalmente oposta. O amor não é o lamento de um mendigo (Pobreza), mas a dádiva de um rei. Não nasce da carência, mas da abundância.

**Vontade de Potência:** Para Nietzsche, a vida é “aquilo que sempre tem de superar a si mesmo”. É uma força em constante expansão e transbordamento. O amor é uma das mais altas expressões desta força.



**A Metáfora do Sol (Zaratustra):** "Oh, grande astro, o que seria da tua felicidade se não tivesses aqueles a quem iluminas?" O sol não brilha porque precisa de algo; ele brilha porque está demasiado cheio. Assim é o verdadeiro amor: uma exuberância que precisa de se partilhar."

**O amor não é o desejo de receber o que nos falta, mas o impulso de dar o que nos transborda.**





# A Afirmação de Si: A Virtude do Egoísmo Saudável

A tradição platônico-cristã ensina que o amor exige o sacrifício do “eu”. Nietzsche vê nisto uma moralidade de fraqueza. Para ele, só os indivíduos plenos de si podem amar verdadeiramente.

- **O Pré-requisito do Amor**

“Uma coisa é necessária: que o homem atinja a sua satisfação consigo.” Apenas quem se tornou uma “obra de arte” para si mesmo pode partilhar-se sem se esvaziar.

- **A Solidão como Virtude**

Contra a moral do “rebanho”, a solidão é o espaço necessário para o cultivo de si. “É preciso aprender a suportar a solidão” para se tornar forte o suficiente para amar.

- **O Amor como Fruição de Si**

Em última análise, “não amamos pai, mãe, esposa ou filho, mas os sentimentos agradáveis que eles nos causam”. O amor é sempre uma expansão e um prazer do nosso próprio poder, uma forma de egoísmo nobre.



# O Amor Superior: A Amizade e a Arte da Distância

O amor que busca a posse e a fusão (“o amante quer a posse incondicional e única da pessoa desejada”) é, para Nietzsche, uma forma de cobiça. A forma mais elevada de amor é a *amizade*.

## A Amizade como Respeito pela Distância

“Somos dois barcos que possuem, cada qual, seu objetivo e seu caminho; podemos nos cruzar e celebrar juntos uma festa [...] mas a todo-poderosa força de nossa missão nos afastou novamente.”



Amizade de astros

## O Amigo como o ‘Melhor Inimigo’

“Deves ter no teu amigo o teu melhor inimigo. É quando o contrarias que deves estar mais próximo dele com o coração.”  
O conflito estimula o crescimento e a superação mútua.

## O Amor como Guerra

“Amor — em seus meios a guerra, em seu fundo o ódio mortal dos sexos.”  
Esta não é uma visão pessimista, mas a celebração de uma tensão criativa entre forças que se afirmam, em vez de se dissolverem uma na outra.



# O Duelo de Ideias: Duas Visões do Mundo Sobre o Amor

## A Visão Platônica (O Idealista)



**Origem do Desejo: A Falta**  
Amamos porque somos incompletos.



**Objetivo: A Fusão**  
Tornarmo-nos um só com o outro.



**Atitude: A Negação de Si**  
Sacrificar o 'eu' pelo outro.

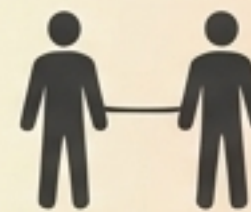


**Horizonte: O Outro Mundo**  
Ascender do corpo para o ideal.

## A Visão Nietzscheana (O Realista)



**Origem do Desejo: O Excesso**  
Amamos porque transbordamos.



**Objetivo: A Distância**  
Celebrar a diferença entre dois soberanos.



**Atitude: A Afirmção de Si**  
Fortalecer o 'eu' para poder dar.



**Horizonte: A Fidelidade à Terra**  
Afirmar a vida no corpo e no aqui e agora.



# A Síntese: Rumo a uma Erótica Solar para o Século XXI

A colisão entre estas duas visões do mundo deixa-nos uma questão fundamental: como amar hoje? Se o modelo platónico nos condena ao sofrimento da busca por um ideal inexistente, a crítica nietzschiana oferece as ferramentas para construir uma nova “erótica solar”.

## A Proposta de Michel Onfray:

Reivindicar uma filosofia do amor baseada na imanência, no corpo e na alegria. Em vez de “desejar” (de-sidere: abandonar as estrelas) buscando o céu, devemos desejar enraizando o nosso querer na terra.

## Principais Desafios

1.

Superar o dualismo corpo/alma que nos ensina a desprezar a carne.

2.

Abandonar a mitologia da “alma gémea” que gera neuroses e decepções.

3.

Construir relações baseadas na abundância, não na carência mútua.





# A Sabedoria do Ouriço: A Arte da Justa Distância

“Dois ouriços encontram-se num ambiente gélido. Para combater o frio, aproximam-se para se aquecerem mutuamente. Mas, ao fazê-lo, picam-se com os seus espinhos. Afastam-se pela dor e voltam a sentir frio. Oscilam entre estas duas dores até encontrarem a distância correta — a posição que lhes permite obter o máximo de calor com o mínimo de desconforto.”

Com Frio



A Picarem-se



Distância Ideal



## A Lição

A relação amorosa não é uma fusão perfeita e sem dor. É um exercício constante de encontrar a ‘justa distância’. É a arte de partilhar calor sem anular o outro (ou a si mesmo) com os espinhos da individualidade.

## A Equação Moderna

Não se trata de eliminar o sofrimento, mas de desenvolver relações onde ‘o êxtase compense o sofrimento’. É a condição de ter alguém para contemplar o abismo ao nosso lado.



# Da Alma Gémea ao Contrato: O Amor como Acordo entre Soberanos

Fim do Mito: “A busca pela ‘metade perdida’ pressupõe que somos seres fraturados. A nova erótica parte do pressuposto de que somos entidades integrais e autónomas.”

O Amor como Contrato:  
“Em vez de uma fusão mística, a relação é um pacto livre e esclarecido entre partes lúcidas e eticamente capazes.  
‘Ninguém é obrigado a aceitar o pacto, mas aqueles que o subscrevem devem imperativamente manter a sua palavra.’ — Onfray.



Características do Contrato:

- \* Flexibilidade: “Contratos podem ser renegociados e até cancelados, respeitando a mudança das pessoas e dos seus desejos.”
- \* Transparência: “Baseia-se na troca de significados e na coincidência entre ações e declarações.”
- \* Foco na Fruição: “O objetivo não é a ‘completude’, mas a ‘realização do prazer e a evitação do desprazer’, a maximização da alegria na companhia do outro.”



# O Desejo como Dádiva, Não como Dívida

## A Perspectiva Predatória (Platónica)



O desejo como falta leva a uma dinâmica de consumo. O outro é um objeto que pode preencher a nossa lacuna. A relação é uma tentativa de *extrair* algo.

## A Perspectiva Generosa (Nietzscheana)



O desejo como excesso leva a uma dinâmica de dádiva. O outro é um parceiro soberano a quem oferecemos o nosso traisbordamento de energia, alegria e poder. A relação é um *derramamento* de potência.

**Da Fusão à Justaposição:** “A intersubjetividade sexual supõe menos a fusão do que a justaposição, menos a confusão que a separação.” — Onfray. É o encontro de duas totalidades, não a junção de duas metades.



A questão fundamental sobre o amor talvez não seja:

Como posso encontrar a metade que me falta  
para me sentir completo?

Mas sim:

Como posso cultivar a minha própria abundância  
para ter algo de belo para partilhar?

O amor não como uma busca para preencher um vazio, mas como a arte de partilhar  
uma plenitude. Uma dádiva, não uma dívida.

